

# O formativo *petro-* e o continuum morfológico

Rafael Rodrigues da Silva Cardoso (UFRJ<sup>1</sup>, FAPERJ)

Resumo: o trabalho pretende verificar o comportamento do formativo *petro-* em português. Em formações recentes, ele não possui mais o sentido de "pedra"; o sentido atualizado é o de "petróleo", como em *petroempresa* (empresa que lida com o setor petrolífero). Elementos como *petro-*, *eletro-*, *auto-* são tradicionalmente considerados radicais eruditos e formariam, supostamente, compostos eruditos. Após uma breve revisão bibliográfica, concentro-me nas características morfológicas do formativo e pretendo demonstrar, com base em Gonçalves (2011, 2011a e 2011b) e Gonçalves e Andrade (2011), que é necessária, para a análise, a noção de *continuum morfológico*. Isso porque, de acordo com os critérios elencados pelos autores, o formativo assume uma personalidade híbrida, não podendo ser considerado afixo nem radical. Sendo assim, a oposição total entre afixo e radical deve ser repensada, com o objetivo de abarcar os novos fenômenos observados.

## 1. Introdução

O objetivo do presente artigo é examinar o estatuto morfológico e o sentido do formativo *petro-* em português. O estudo se justifica, em primeiro lugar, pelo fato de *petro-* fazer parte da “malcomportada” classe dos radicais eruditos. Em segundo lugar, em formações recentes como *petroquímica*, *petroemprego* e *petroguerra*<sup>2</sup>, *petro-* atualiza um sentido diferente do de formas dicionarizadas como *petrologia* e *petrografia*<sup>3</sup>. Enquanto, em formas mais antigas, *petro-* tem como conteúdo semântico “pedra”, nas novas, o que é indicado é “petróleo”. Os exemplos mais recentes evidenciam que *petro-*, longe de ser um fóssil morfológico, está disponível na língua<sup>4</sup>, ou seja, é sincronicamente produtivo como aponta Lüdeling (2006).

O *corpus*, que pode ser conferido no anexo, foi coletado nos dicionários *Houaiss* e *Aurélio* e também com o auxílio da ferramenta de busca *Google*, pois muitas das formações mais recentes, que são o foco principal do nosso estudo, ainda não estão dicionarizadas.

Realizarei, nas seções 1 e 2, uma breve explicação etimológica e uma revisão bibliográfica, na qual mostrarei diversas interpretações sobre a classe dos radicais eruditos e também sobre a noção de composição. Em seguida, na seção 3, procederei a uma análise dos dados baseada nas seguintes questões: a recomposição; a metonímia formal; a parte formal. Por fim, nas seções 4 e 5, analisarei com mais atenção as implicações da análise realizada e utilizarei a ideia de *continuum morfológico* presente em Gonçalves (2011, 2011a, 2011b) e Gonçalves e Andrade (2011).

---

<sup>1</sup> Orientadora: Maria Lucia Leitão de Almeida

Coorientador: Carlos Alexandre Gonçalves.

<sup>2</sup> Como existem diferentes maneiras de grafar os compostos, optei por grafá-los sem hífen. Isso não quer dizer que todos os compostos foram encontrados com essa grafia.

<sup>3</sup> Segundo o dicionário *Aurélio*, *petrologia* é formado de *petro-* + *-logia* e significa o estudo da origem, transformações, estrutura, composição etc., das rochas.

<sup>4</sup> Foram encontrados também exemplos em outras línguas como em inglês (*petrodiesel*, *petrochemical*, *petrocrisis*) e francês (*petroguerre*, *petrodiesel*, *petroemploi*, *petrocrise*, *petrobusiness*, *petromonarchie*).

## 2. Etimologia de *petróleo*

Para A. G. da Cunha (2010), *petróleo*, forma que teve sua primeira aparição em 1844, viria do francês *pétrole*, que tem sua origem no latim médio *petroleum*, por sua vez formado de *petrae* + *oleum*, isto é, “óleo da pedra”.

Nascentes (1955) apresenta diversas possibilidades além da referida acima, das quais merece menção a de Rufino Cuervo, linguista e filólogo colombiano da segunda metade do século XIX. Cuervo remete a Du Cange, humanista do século XVII que escreveu dicionários de latim medieval e grego e que sustenta que, inicialmente, se disse *petroneus*, que se origina de uma forma adjetival e que este, posteriormente, se tornou *petroleus* por etimologia popular.

A importância do petróleo na sociedade moderna remonta ao século XIX quando foram criados processos de refinação. Ele é usado atualmente como fonte de energia (gasolina e óleo diesel) e também para a produção de produtos derivados, os chamados *petroderivados*, como parafina, solventes e querosene. Segundo Lüdeling (2006), a evolução das ciências desencadeou o desenvolvimento da terminologia que usa e combina elementos clássicos; por isso há uma estreita ligação entre o surgimento da indústria do petróleo e a história do formativo em questão.

## 3. Revisão bibliográfica

### 3.1. Listas e compostos eruditos

Cunha dedica uma seção inteira aos compostos eruditos. Para ele, o motivo de sua existência é a necessidade de nomeação de coisas novas, oriundas do progresso técnico e científico, como diz Lüdeling (2006). “Uma coisa nova exige uma denominação também nova. Por isso, vemos entrar em nossa língua, todos os dias, um número apreciável de vocábulos, criados por exigência do espantoso progresso da ciência e da técnica” (Cunha, 1986, p. 124).

Ainda segundo o autor, as nomenclaturas científica, técnica e literária são, fundamentalmente, constituídas de palavras formadas pelo modelo greco-latino de composição, que consistia em associar dois termos de maneira que o primeiro é determinante do segundo.

Em seguida, Cunha (1986) trata pormenorizadamente de radicais gregos e latinos, apresentando uma lista de radicais latinos de primeira posição, na qual estão, por exemplo, *igni*<sup>5</sup> e *tri*<sup>6</sup>, e de segunda posição como *-cida*<sup>7</sup> e *-voro*<sup>8</sup>. Entretanto, *petro-* não consta de nenhuma das duas.

Segundo ele, os compostos eruditos gregos são mais numerosos do que os latinos. Ele faz dois comentários que nos interessam quando trata dos radicais gregos de primeira posição (grupo no qual se encaixaria *petro-*, apesar de sua origem latina). Ele diz que “a maioria destes radicais assume, na composição, uma forma terminada em *-o*”. Acrescenta que “certos

<sup>5</sup> *Igni*- significa fogo, como na palavra *ignívomo*, aquele que vomita fogo (Aurélio).

<sup>6</sup> *Tri*- significa três, como em *tricolor*, que tem três cores (Aurélio).

<sup>7</sup> *Cida*- significa assassinar, como em *regicida*, aquele que mata um rei ou rainha (Aurélio).

<sup>8</sup> *Voro*- significa que come, como em *herbívoro*, aquele que se alimenta de vegetais. (Aurélio).

radicais gregos adquiriram sentido especial nas línguas modernas” (p. 128) e dá como exemplo *auto-*, que significava, em grego, “próprio, de si mesmo”, como em *autodidata* e *autógrafo*, e que passou a ter a acepção de *automóvel*, como em *autopista*, *auto-ônibus* e em vários outros novos compostos.

Apesar de essas observações se aplicarem ao formativo *petro-*, como mostrarei com mais detalhes na seção subsequente, o formativo não consta das listas de elementos gregos de Cunha (1986)<sup>9</sup>. Não obstante, o *insight* de Cunha (1986) é muito importante, como ficará claro adiante.

Said Ali (1931) não menciona os compostos eruditos. Rocha Lima (1983) também não diz nada sobre os compostos eruditos, mas dedica uma seção às famílias de palavras. Segundo ele, “Pertencem à mesma *família* as palavras que possuem o mesmo radical, que, às vezes, coincide com a raiz. A elas também se dá o nome de *co-radicais*.” (p. 188). Ele indica nessa seção alguns *corradicais* de procedência latina e grega, mas *petro-* não consta de nenhuma das listas.

### 3.2. O conceito de composição

Para Rocha Lima (1983), o que caracteriza a composição é, “além da unidade de significação, a existência de mais de um radical”. Acresce, citando Bréal, que o sentimento de composição “tem seu critério no espírito”.

Said Ali (1931) define a composição como “tôda combinação de vocábulos que serve de nome especial para certo gênero de seres, ou com que se exprime algum conceito nôvo, diferenciado do sentido primitivo de elementos componentes” (p. 258). Quanto ao sentido, declara que “o composto representa uma idéia simples, porém caracterizada geralmente pela alteração ou especialização do sentido primitivo” (p. 259). Nos elementos formadores de palavra composta, ele não lista os radicais eruditos.

Villalva (2003) diferencia composição sintática de morfológica ao tratar de compostos eruditos. Na composição morfológica, esses radicais estão disponíveis para a formação de neologismos, e ela é “um processo de concatenação de dois ou mais radicais, que exige a presença de uma vogal de ligação como delimitador de fronteira entre esses radicais. Os radicais que integram este tipo de compostos podem estabelecer entre si uma relação de modificação ou uma relação de coordenação.” (A comentar mais à frente, na definição de composição). Para a autora, as formas de núcleo à direita são formas de modificação.

Basílio (1987) considera a derivação e a composição como os processos mais gerais de formação de palavras. Para a autora, a composição se caracteriza pela junção de duas bases – presas, como *agri-*, ou livres, como *chuva*. Para ela, a derivação é mais produtiva pela generalidade das noções envolvidas no processo de formação: “enquanto na derivação temos a expressão de noções mais comuns e gerais, a composição é um processo que vai permitir categorizações cada vez mais particulares” (p. 30). Isso porque, para a autora, o objetivo do processo de composição é a função de nomeação e/ou caracterização de seres, eventos etc. Os compostos eruditos são tratados como bases presas, e a autora diz que elas são de grande

<sup>9</sup> Não surpreende o fato de que Cunha cite o fenômeno como específico dos radicais gregos e ele ocorra com nosso formativo, que, segundo as bases etimológicas, tem origem latina. Podemos supor que o falante não possui conhecimento diacrônico e, por isso, não diferencia radicais gregos e latinos quando da aplicação do processo referido.

produtividade na língua formal e têm por objetivo a denominação na linguagem científico-tecnológica. Nesse tipo de composição, que envolve pelo menos uma base presa, o segundo termo é o núcleo e o primeiro é o especificador.

Pode-se observar que, à exceção de Basílio (1987), que utiliza o termo “base presa” para caracterizar os radicais eruditos, nada é dito sobre o fato de os mesmos não terem livre curso na língua.

#### 4. Análise de dados

Foram encontradas 15 ocorrências em que o formativo *petro-* tem o significado de “petróleo”. Em outros dois dados, o nome de um jornal (*petromundo*) e de um evento (*petrocopa*), o formativo faz referência à cidade de Petrópolis. Um dos dados, *petroesporte*, apresenta duas possibilidades: um time da cidade de Petrópolis e o esporte patrocinado pelo dinheiro gerado pelo petróleo<sup>10</sup>. Em todos os dados, *petro-* aparece na posição à esquerda.

##### 4.1. A metonímia formal

Cunha (1986) comenta, como foi referido anteriormente, o “sentido especial” que certos formativos gregos podem adquirir. Esse *insight* se apresenta de maneira mais detalhada em Gonçalves (2011 a, 2011 b) e Gonçalves e Andrade (2011). Para eles, trata-se de um caso de recomposição em que ocorre uma metonímia formal: uma parte do composto passa a ter o valor da palavra inteira<sup>11</sup>. Assim, *petro-* passa a fazer referência a “petróleo”.

De fato, faz sentido interpretar esse processo como metonímico. Como a linguística cognitiva tem como base a ideia de que os processos cognitivos operam em todos os níveis da língua, é desejável que encontremos exemplos de metonímia no nível da morfologia. Porém, que noção de metonímia deve ser adotada? Não pretendo me estender muito sobre o tema, mas creio ser importante introduzir a discussão.

A metonímia é geralmente definida, em linguística cognitiva, como “projeção dentro de um mesmo domínio”, no que se opõe à metáfora, que é uma “projeção entre domínios” (Lakoff, 1987; Kövecses, 2010). Croft (2003) advoga em favor de uma reformulação desses conceitos, no sentido de a metonímia ser não uma projeção dentro de um mesmo domínio, mas uma projeção dentro de um mesmo domínio matriz. Peirsman e Geeraerts (2006) contestam essa definição, pois consideram que a noção de domínio não é clara o bastante para servir de base para definir e diferenciar a metonímia da metáfora. Eles propõem que a metonímia seja definida como uma categoria prototípica que tem como núcleo a contiguidade material ou espacial. Assim, a relação metonímica mais prototípica dentro dessa relação de contiguidade seria a relação parte/todo, que inclui metonímias do tipo “parte pelo todo” e “todo pela parte” (p. 280). Creio que seja essa a relação metonímica prototípica que ocorre com o formativo *petro-*. Merece destaque o fato de que o processo pode ocorrer tendo por origem outro composto, como *Petrópolis*, e isso explica os exemplos *petrocopa* e *petromundo*.

<sup>10</sup> Segundo um blog de negócios, o Brasil seria o país do *petroesporte* porque o dinheiro gerado pela camada do pré-sal seria utilizado para financiar os gastos com os eventos esportivos de 2014 e 2016.

<sup>11</sup> Gonçalves b também chama o processo de compactação (zipagem)

## 4.2. Parte formal

O formativo *petro-* não tem livre curso na língua; logo, corresponde ao que Basílio (1987) chama base presa. Além disso, segue a maioria dos formativos neoclássicos, que não apresentam mobilidade posicional (só aparecem em primeira posição), como afirma Gonçalves (2011b). O resultado da composição com *petro-* é um nome, exceto em um caso que também pode ser usado como adjetivo: *petroderivado*.

Os dois dicionários consultados diferem quanto ao tratamento formal dispensado à estrutura morfológica de *petróleo*. No dicionário Houaiss, temos duas formas: *petr-*, que significa “pedra” e *petrol*, que serve para formar palavras como *petroleiro* e *petrolaria*. Segundo esse dicionário, a palavra *petrologia* é formada de PETR- + O + LOGIA. Já *petroquímica* tem como elementos constituintes PETRO (derivado de *petrol*) + QUÍMICA.

O dicionário Aurélio apresenta *petro-* com o significado de “rocha” e liga formas como *petroquímica* e *petroleiro* a um elemento reduzido, da seguinte maneira: PETR (óleo) + O + QUÍMICA; PETROL(eo) + EIRO.

Acredito que, em sua origem, a forma *petro-* tinha o significado de “pedra” e foi utilizada em compostos com esse significado, como em *petrologia*. Posteriormente, ocorreu a metonímia referida na seção 3.1, e temos *petro-* com o significado de “petróleo”. Apesar de foneticamente iguais, são duas formas diferentes. Ao lado de *petro-*, temos, para a derivação, o radical *petrol-*, que se junta a afixos, como em *petrolaria* e *petroleiro*.

Pode-se argumentar que, nas formas mais antigas, com o formativo *petro-*, há uma vogal de ligação *-o-*, que, como afirma Villalva (2003), é resíduo de um marcador casual na estrutura dos compostos do latim e do grego. Já nas formas novas, a palavra “petróleo” sofreu a já referida zipagem e *petr-* se fundiu a *-o-* para tornar-se um formador de nomes recompostos.

## 5. Indo mais a fundo...

### 5.1. O contínuo morfológico

Bauer (2005) aponta que há formas morfológicas que cruzam os limites entre a composição e a derivação e coloca entre essas formas os compostos neoclássicos. Se definimos um composto como um lexema do qual os constituintes imediatos são representativos de outros lexemas, então os compostos neoclássicos não seriam propriamente incluídos porque não funcionam livremente na língua. Apesar disso, ele afirma que radicais eruditos como *socio-* (em inglês, mas que se aplica igualmente ao português), têm algumas características de palavra como a fonologia e a semântica, e é por isso que chamamos os neoclássicos de compostos. O formativo *petro-* também tem característica semântica de palavra.

Uma autora que também comenta o assunto é Lüdeling (2006), que manifesta a dificuldade de categorização dos formativos eruditos, pois semanticamente são radicais, mas só aparecem como formas presas.<sup>12</sup>

<sup>12</sup> O que não é de todo verdade, pois o radical neoclássico FOBIA, por exemplo, não é preso.

Para resolver esse impasse, remeto a Gonçalves (2011a), que propõe pensar derivação e composição como polos de um *continuum*, no que segue Kastovsky (2009), e deixar de lado as noções correntes de que composição combina palavras ou radicais para formar um item morfológicamente complexo (ideia encontrada nas gramáticas consultadas) enquanto a derivação requer a presença de um afixo. Por conseguinte, também se descarta a noção de categorias estanques para radical e afixo<sup>13</sup>.

Segundo Gonçalves (2011a), um dos processos menos prototípicos e que causaria mais problemas para a já citada distinção entre derivação e composição seria a recomposição, na qual se cria um composto a partir do truncamento de outro.

## 5.2. *Petro* – Afixo ou radical?

Gonçalves e Andrade (2011) partem da ideia, já referida, de que os constituintes envolvidos nos processos diferenciam a composição (que envolve radicais/palavras, como foi mostrado em Lima, Cunha e Villalva) e derivação (que envolve necessariamente um afixo). Na verdade, segundo os autores, é possível propor um *continuum* radical/afixo, o que invalida a distinção clara dos processos em alguns casos. Eles citam *petro-* como elemento de difícil caracterização. Com o objetivo de desenvolver a questão, listarei os critérios propostos pelos autores para identificar os afixos e comentarei a situação de *petro-* em cada um deles.

(a) Possui restrição posicional – o formativo *petro-* aparece em primeira posição em todos os dados, como se pode observar em *petrocrise* e *petromercado*. Sendo assim, tem um comportamento de afixo<sup>14</sup>. Ao observar os dados em outras línguas, constata-se que nelas ocorre o mesmo.

(b) Constitui forma presa – como já afirmei, *petro-* não funciona sozinho, ou seja, não tem livre curso na língua. Não se pode dizer “minha empresa vende *petro*” ou “há muito *petro* nesta camada”. Por isso, *petro-* tem, segundo esse critério, característica de afixo.

(c) Não forma palavra prosódica independente – o formativo *petro-* forma palavra prosódica independente. Sendo [‘petro] a pronúncia do formativo em questão, temos a vogal [ɛ] que só aparece em sílabas tônicas nos dialetos do centro-sul e sul do Brasil. Isso indica que há dois acentos e, por conseguinte, duas palavras prosódicas em compostos como *petroquímica* e *petrocombustível*, por exemplo. Quanto a esse critério, portanto, *petro-* se afasta da categoria dos afixos. É importante ressaltar o mesmo critério permite diferenciar o novo formativo *petro-*, que tem o significado de “petróleo” e é oriundo de recomposição, do formativo *petro-* que tem o significado de “pedra”. O primeiro forma palavra prosódica pela presença da vogal [ɛ] e o segundo não, pois se pronuncia p[e]trotologia e não p[ɛ]trotologia, p[e]tróleo e não p[ɛ]tróleo e p[e]trotografia e não p[ɛ]trotografia.<sup>15</sup>

(d) Elementos estáveis com função sintática e semântica pré-determinada – mostrei na análise semântica que as relações entre *petro-* e o segundo elemento da formação podem fazer referência a certos aspectos semânticos do petróleo, mas não creio que isso testemunhe contra

<sup>13</sup> Como nota Gonçalves 2011a, a própria postulação de categorias como afixoide ou pseudo-afixo por alguns morfólogos evidencia a ausência de fronteiras claras entre os dois.

<sup>14</sup> Segundo Gonçalves e Andrade (2011), não só *petro-*, mas os radicais neoclássicos em geral, apresentam restrições posicionais.

<sup>15</sup> Essas observações se aplicam aos dialetos da parte centro-sul e sul do Brasil, em que não ocorre a harmonia vocálica entre essas vogais em “petróleo”.



o fato de que *petro-* sempre caracteriza e classifica de alguma maneira o segundo elemento. Dessa maneira, creio que, quanto a esse critério, *petro-* também se comporta como um afixo.

(e) Criam séries de palavras – os dados mostram que *petro-* não cria muitas palavras pelo fato de seu conteúdo semântico não ter um grau de generalidade elevado, mas não se pode negar que ele cria séries de palavras, todas relacionadas, de uma maneira ou de outra, a “petróleo”. Assim, mesmo apresentando pelo menos os quatro padrões semânticos listados na análise semântica, considero que *petro-* se comporta como um afixo segundo esse critério.

(f) Atualizam significados largos – o significado atualizado por *petro-* é mais lexical e menos funcional, e é por isso que não há muitos dados disponíveis, como foi constatado no critério anterior. Creio que, com relação a esse critério, *petro-* não se mostra como afixo. Apesar disso, a análise semântica evidencia que, mesmo sendo lexical, o significado de *petro-* apresenta certas variações que não devem ser ignoradas.

(g) Atribuem a mesma ideia a todas as formas que se vinculam – o formativo *petro-* carrega um sentido relativamente concreto, podendo, em alguns casos, ser inferido o sentido do composto de maneira composicional, como em *petroguerra* e *petroemprego*. Porém, em outros casos, como *petroesporte*, em que *petro-* faz referência não ao petróleo em si, mas ao dinheiro que ele gera, o resultado não é tão evidente. Podem-se propor até mesmo certos padrões de sentido para os compostos. Isso exemplifica a própria situação ambígua de *petro-* e contribui para que interpretemos radicais e afixos como polos de um *continuum*.

(h) Constituem um elenco fixo – dados como *bioquímica*, *bioderivado*, *agromercado* e *eletroquímica* mostram que diversos elementos podem ocupar a primeira posição. Não é possível fazer uma lista exaustiva dos formativos que podem ocupá-la, por isso acredito que, segundo esse critério, *petro-* tem comportamento de radical. *Na verdade, este critério não se aplica na prática...*

(i) Impõem restrições sintáticas e semânticas – o segundo elemento deve ser um nome e deve ser relacionado com o mundo do petróleo para se combinar com *petro-*. Ser relacionado ou não com o mundo do petróleo depende do conhecimento de mundo do falante, por isso essa restrição é, até certo ponto, relativa. Como apresenta certas restrições, considerarei que, nesse critério, *petro-* também se comporta como afixo.

(j) Não se combinam entre si – não é possível construir compostos com formativos que só aparecem na primeira posição, por razões óbvias: nenhum dos dois aceitará ficar na segunda posição. Mais uma vez, esses formativos de primeira posição, como *petro-*, se apresentam como afixos.

Percebe-se que *petro-* se aproxima muito da classe dos afixos, pois, de 10 critérios, 6 apontam que tem características de afixo. Sendo assim, pode ser interessante observar quais são os elementos determinantes para a expressão flexional segundo Gonçalves (2011), pois, apesar de claramente não ser uma flexão do português, parece que o meio de expressão para o sentido de “petróleo” se moveu para a esquerda no *continuum* abaixo, a partir do fenômeno da recomposição:

<----->

Afixo

Radical

O conteúdo semântico “petróleo” era expresso de maneira mais radical e passou a apresentar a possibilidade de ser, como vimos acima, representado de maneira “afixal”, segundo alguns critérios. Mas o que desencadeou o fenômeno de recomposição de *petro-* e fez com que ele passasse a ser um elemento ativamente empregado em novas formações morfológicamente complexas?

Gonçalves (2011) afirma, baseando-se em Bybee, que há três formas de expressão: lexical, flexional e sintática. Trata-se de polos de um *continuum* e, portanto, não devemos interpretá-las de maneira discreta. Pode-se afirmar que a expressão do conteúdo “petróleo” saiu do sintático e caminhou em direção ao morfológico. Isso ocorreu sem que fosse apagada a possibilidade de expressão sintática, como foi mostrado na seção de análise semântica, pela competição entre “indústria do petróleo”, “petroindústria” e “indústria petrolífera”. O que poderia ter causado essa nova maneira de expressar o mesmo conteúdo?

Acredito que a resposta esteja nos princípios de relevância e generalidade de Bybee. Segundo Gonçalves (2011), “quando dois conteúdos são altamente relevantes um para o outro, é provável que sejam representados lexical ou morfológicamente. Ao contrário, quando não são muito relevantes, é mais natural que a expressão utilizada seja a sintática.” (p. 97). Logo, pode-se concluir que o conteúdo semântico de “petróleo” passou de menos relevante a mais relevante. Nesse sentido, vale a pena ressaltar, lembrando a seção 1, que o advento da expressão morfológica desse conteúdo coincide com o surgimento e desenvolvimento da indústria petrolífera e da ampliação do uso do petróleo no cotidiano. Nos dias de hoje, existe uma gama de produtos ligados ao petróleo e todo um mercado ligado à extração do petróleo, o que o torna, cognitivamente falando, mais saliente e importante para nós.

Ao pensar no princípio da generalidade, que diz que “o conteúdo semântico tem de ser mínimo para ser flexional, isto é, deve ser o mais geral possível para se aplicar a um grande contingente de formas da língua” (p. 100), conclui-se que a generalização da indústria petrolífera levou à definição específica de diversos elementos desse mundo (assim, *petro-* foi aplicado a um grupo de substantivos específicos, como empresa, emprego, dólar, guerra). O que significa que antes não havia nenhuma generalização com relação a esse conceito, mas agora há.

Isso leva à interação entre generalidade e relevância e a Gonçalves (2011, p. 104), que explica que a alta relevância e a média generalidade levam à expressão derivacional, e *petro-* seria um afixo, no sentido indicado pela análise até agora.

Além disso, sua explicação esclarece também por que o conteúdo “petróleo” não poderia galgar sua posição mais acima no *continuum morfológico* e tornar-se, por exemplo, uma flexão do português. Segundo ele, só conteúdos de alta generalidade atingem esse ponto, e o conteúdo “petróleo” só pode se aplicar a elementos específicos do mundo do petróleo, nunca atingindo o nível de generalidade da flexão, como o plural “s”, que se aplica a praticamente todos os nomes em português, ou flexão de futuro, que se aplica a todos os verbos.



## 6. Conclusão

Por fim, conclui-se que a expansão da indústria petrolífera repercutiu na representação desse conteúdo semântico em português<sup>16</sup>, fazendo com que surgisse a possibilidade de uma expressão morfológica próxima da de um afixo. Não se pode esquecer que a divisão dos meios de expressão diz respeito, na realidade, a polos de um *continuum* e que os formativos que sofrem recomposição estão “no meio do caminho” entre a composição e a derivação, por assim dizer. Isso nos leva a concluir que as formas de expressão de um determinado conteúdo são dependentes de fatores culturais que elegem o que é cognitivamente mais saliente ou geral, e que alterações culturais acabam repercutindo no meio de expressão desse conteúdo.

## Referências

- ALI, Said. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1931.
- BAUER, Laurie. The borderline between derivation and compounding. In: DRESSLER, W. U.; KASTOVSKY, D.; PFEIFFER, O. E.; RAINER, F. (Ed.). *Morphology and its demarcations*. Amsterdam and Philadelphia: Benjamins, 2005. p. 97-108.
- BASÍLIO, M. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- CROFT, W. The role of domains in the interpretation of metaphors and metonymies. In: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf. *Metaphor and Metonymy in comparison and contrast*. New York: Mouton de Gruyter, 2003.
- CUNHA, A. G. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- CUNHA, Celso. *Gramática da Língua Portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE (Fundação de assistência ao estudante), 1986.
- DEL PINO DÍAZ, Maria Joaquina. Rufino José Cuervo y su aportación a la lingüística del siglo XIX. *CAUCE: Revista de Filología, Comunicación y sus Didácticas*. n. 3, 1980. Disponível em: <[http://cvc.cervantes.es/literatura/cauce/pdf/cauce03/cauce\\_03\\_008.pdf](http://cvc.cervantes.es/literatura/cauce/pdf/cauce03/cauce_03_008.pdf)>. Acesso em 22 de março de 2013.
- ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, s.v. Charles du Fresne, seigneur du Cange. Disponível em: <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/92570/Charles-du-Fresne-seigneur-du-Cange>>. Acesso em 22 de março de 2013.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Dicionário Aurélio Eletrônico*. Versão 5.0. Curitiba: Positivo, 2004.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss Eletrônico*. Versão monusuário 3.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre; ANDRADE, Kátia Emmerick. *O estatuto dos constituintes morfológicos e o continuum composição-derivação em português*. 2011.

---

<sup>16</sup> Provavelmente o fenômeno ocorreu em outras línguas ao redor do mundo também, pois a indústria do petróleo se tornou mundialmente importante. Resta saber que línguas possuem morfologia complexa o bastante para promover o fenômeno.

- GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Compostos neoclássicos: estrutura e formação*. 2011b.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Composição e derivação: polos prototípicos de um continuum? Pequeno estudo de casos*. 2011a.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português*. São Paulo: Contexto, 2011.
- KASTOVSKY, Dieter. *Astronaut, astrology, astrophysics: About Combining Forms, Classical Compounds and Affixoids*.
- KÖVECSES, Z. *Metaphor, a practical introduction*. New York: Oxford University Press, 2010.
- LAKOFF, G. *Women, Fire and Dangerous Things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- LIMA, L. C. S. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.
- LÜDELING, Anke. Neoclassical word-formation. In: BROWN, Keith (ed.). *Encyclopedia of Language and Linguistics*. 2. ed. Oxford: Elsevier, 2006.
- MATEUS et alii. *Gramática da Língua Portuguesa*. 6. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica do Jornal do Commercio, 1955.
- PEIRSMAN, Y.; GEERAERTS, D. Metonymy as a prototypical category. *Cognitive Linguistics*, v. 17, n. 3, p. 269-316, Mouton de Gruyter, 2006.
- VILALLVA, Alina. Composição morfológica. In: MATEUS et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 6. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

ANEXO

**Dados do português:**

Petrocrise	Petrocombustível	Petroemprego
Petrodependência	Petrodesenvolvimento	Petroindústria
Petromercado	Petroesporte	Petroguerra
Petroyalties	Petronegócio	Petrodiesel
Petroderivado	Petroexploração	Petroquímica

**Dados do inglês:**

Petrochemical  
Petrodiesel  
Petrocrisis

**Dados do francês:**

Petroguerre  
Petrodiesel  
Petroemploi  
Petrochimie  
Petrocrise  
Petrobusiness  
Petromonarchie